



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

**Maria da Luz VALE DIAS(1), Lúcia MARTINHO(2),
Graciete FRANCO-BORGES(3) & Piedade VAZ-REBELO(4)**

(1) Professora Auxiliar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Portugal). Endereço postal: Rua do Colégio Novo 3001-802 Coimbra
Endereço eletrónico: valedias@fpce.uc.pt. Tel.: 239851450

(2) Mestre em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. luciamartinho@iol.pt

(3) Professora Auxiliar na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

(4) Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Fecha de recepción: 12 de enero de 2012

Fecha de admisión: 15 de marzo de 2012

RESUMO

O comportamento antissocial dos jovens parece ter aumentado nos últimos anos em frequência e em gravidade. No sentido de contribuir para o esclarecimento dos fatores familiares implicados em tal fenómeno, nomeadamente no que se refere à compreensão de trajetórias desenvolvimentais desviantes, o presente estudo visa analisar o papel dos estilos educativos parentais no comportamento antissocial dos adolescentes. Para tal, recorremos a uma amostra de 100 adolescentes, dos 12 aos 19 anos de idade, residentes na região centro de Portugal. Os instrumentos de recolha de dados foram a *Escala de Estilos Educativos Parentais-versão para filhos* (Oliveira, 1994) e o *Questionário de Comportamentos Antissociais referidos pelos próprios-SRA* (Loeber et al., 1989; adaptação portuguesa: Fonseca et al., 1995). Foi também recolhida informação contextual e relativa a atributos individuais (idade, ano de escolaridade, género, estrutura familiar de coabitação e profissão dos pais). Os resultados obtidos sugerem que existe uma relação inversa significativa entre a educação parental positiva e o comportamento antissocial. Os dados mostram também que a idade e o nível socioeconómico não influenciam a perceção dos estilos parentais. No entanto, estas variáveis têm efeito a nível da prática de certos comportamentos desviantes. Destes factos são retiradas implicações em termos dos programas de intervenção/prevenção de comportamentos desviantes.

Palavras-chave: Estilos educativos parentais, Comportamentos antissociais, Adolescentes.



ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

PARENTING STYLES AND ADOLESCENT ANTISOCIAL BEHAVIOUR

ABSTRACT

Juvenile antisocial behaviour seems to have increased in recent decades in frequency and severity. In order to contribute to the clarification of the family factors involved in this phenomenon, in particular with regard to the understanding of developmental deviant trajectories, the present study aims to analyze the role of parenting styles in adolescent antisocial behaviour. To achieve our main goal we used a sample of 100 Portuguese adolescents, aged between 12 and 19 years old, from the centre region of Portugal. The data collection instruments were the Portuguese *Scale of Parental Educational Styles-version for children* and the Portuguese adaptation of the *Self – Reported Antisocial Behaviour – SRA*. Using a Socio-demographic Questionnaire, information was also collected on the individual attributes and contextual variables (e.g., age, school grade, gender, family structure and parents' profession). Our results point to an inverse relationship between positive parenting style and adolescent antisocial behaviour. Furthermore, results revealed that there are no differences in the perception of parenting styles considering socio-economic status or age. However, these variables show an effect on certain deviant behaviours. Some implications for intervention/prevention programs focusing on deviant behaviour are discussed.

Keywords: Parenting styles, Antisocial behaviour, Adolescents.

INTRODUÇÃO

O comportamento antissocial dos jovens tem merecido uma atenção crescente nos últimos anos, havendo mesmo quem defenda que o mesmo aumentou em frequência e em gravidade (Figueiredo Dias & Costa Andrade, 1997). Na investigação sobre os factores susceptíveis de contribuir para tal fenómeno, é vasta a pesquisa a debruçar-se sobre a análise da relação entre os estilos educativos parentais e o comportamento antissocial em adolescentes (v.g., Buehler, 2006; Fonseca, 2002; Hirschi, 1969; Lahey, Moffitt & Caspi, 2003; McCord, 2002; Moffitt & Caspi, 2000; Naplava & Oberwittler, 2002; Patterson, Reid & Dishion, 1992; Thornberry, Freeman-Gallant, Lizotte, Krohn & Smith, 2003). Dos estudos realizados, salienta-se a constatação de que, de facto, a educação parental desempenha um papel relevante no que se refere ao ingresso no mundo da anti socialidade dos adolescentes, sendo uma variável central na etiologia desse fenómeno.

No âmbito desta temática, algumas das variáveis frequentemente discutidas na literatura, e que interagem com as relações pais-filhos, incluem a idade e o nível socioeconómico (Fonseca, 2000; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993). Com efeito, no que se refere à primeira variável, têm sido apontadas tendências da idade no comportamento antissocial (Carroll, Houghton, Hattie & Durkin, 2004; Fonseca, 2004; Rutter, 2004) e também uma influência nas práticas educativas parentais (v.g., Maccoby & Martin, 1983 cit. in Oliveira, 1994). Quanto ao nível socioeconómico, para além da sua relação com o ajustamento e comportamento antissocial da criança (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993), é referida a sua associação às práticas parentais. Certos autores (v.g., Maccoby & Gibbs, 1954, cit in Oliveira, 1994; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993) entendem que os pais da classe média se mostram mais permissivos, enquanto os pais de meios desfavorecidos educam de uma forma mais autoritária e rígida, usando mais a punição do que os de outros meios (Lautrey, 1980; Maccoby, 1980 cit in Oliveira, 1994), constituindo-se consequentemente como fortes preditores do comportamento antissocial (v.g., Farrington, 1978, 2008; Forgatch, 1991; Loeber &



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

Stouthamer-Loeber, 1986; Patterson & Bank, 1989; Rothbaum & Weisz, 1994; Vuchinich *et al*, 1991 cit in Fonseca, 2002). No entanto, os dados empíricos que relacionam as práticas parentais e a classe social têm demonstrado alguma inconsistência (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993).

Considerando os resultados até aqui encontrados, e no sentido de contribuir para a compreensão das trajetórias desenvolvimentais desviantes, o presente estudo pretendeu analisar, particularmente, o papel dos estilos educativos parentais, percebidos pelos filhos, no comportamento antissocial auto-referido em adolescentes portugueses. Concomitantemente, pretendeu investigar a influência da idade e do nível socioeconómico tanto no comportamento antissocial dos jovens como na percepção dos estilos educativos parentais.

METODOLOGIA

Amostra

A presente investigação recorreu a uma amostra ocasional de 100 jovens (62 raparigas e 38 rapazes), residentes nos concelhos de Coimbra e da Figueira da Foz, na região centro de Portugal. A grande maioria dos questionários foi recolhida em contexto escolar. Os jovens inquiridos eram alunos do 7º ao 12º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos ($M=15,39$; $DP=1,842$). A maioria dos inquiridos tinha 15 anos (20%), seguindo-se como mais numeroso o grupo dos 16 anos (18%). As idades dos 13 e dos 18 anos tiveram igual número de sujeitos (16%) e, por último, os sujeitos de 12 e 19 anos representavam apenas 4% e 2% dos inquiridos, respetivamente.

Procedeu-se também à classificação do nível socioeconómico da amostra recolhida, tendo a estratificação desta variável tido por base os critérios de Sedas Nunes (1970), assentes na profissão dos cuidadores dos sujeitos. Assim, agruparam-se as condições socioeconómicas em quatro camadas: a camada 1 corresponde aos grandes industriais e profissões de elevada competência técnica (administradores, gestores de empresas, etc.); a camada 2 inclui as profissões liberais de competência média (médicos, advogados, engenheiros), comerciantes e industriais de empresas médias; a camada 3 representa os operários especializados e semiespecializados, pequenos comerciantes e industriais de pequenas empresas; finalmente, a camada 4 integra os operários não especializados e os trabalhadores rurais. Nenhum dos sujeitos (0%) se insere na camada social 1, a mais elevada. A camada social mais predominante é, exatamente, a oposta, a camada social mais baixa (camada 4), representando 51% da amostra. A camada social 3 engloba 29% dos inquiridos e a camada social 2 (a mais próxima do nível socioeconómico elevado) inclui 20% dos sujeitos.

Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados foram:

O *Questionário de Comportamentos Antissociais referidos pelos próprios adolescentes (Self – Reported Antisocial Behaviour) – SRA* (Loeber *et al.*, 1989; adaptação portuguesa: Fonseca *et al.*, 1995), que contém cinco subescalas: *agressão, vadiagem, consumo de substâncias tóxicas, roubo e danos/vandalismo*. Aos adolescentes pedia-se que lessem as frases, descritivas de vários comportamentos antissociais, e respondessem de acordo com a sua frequência *nos últimos 12 meses* (“nunca”, “1 ou 2 vezes”, “várias vezes”) e *alguma vez na vida* (“sim” ou “não”);

A *Escala de Estilos Educativos Parentais - versão para filhos* (Oliveira; 1994, 1996), constituiu-se por 22 itens (afirmações), aos quais os sujeitos respondiam numa escala de tipo *Lickert* com cinco possibilidades de resposta. No âmbito da análise dos resultados, os itens foram agrupados em duas subescalas: a subescala 1 – *autonomia vs. controlo* (score máximo = 70) – e a subescala 2 – *amor vs. hostilidade* (score máximo = 40);



ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

Um *Questionário Sociodemográfico*, elaborado no âmbito deste estudo, para recolha de dados relativos à idade, ano de escolaridade, género e profissão dos pais.

Procedimentos

Depois de obtido o consentimento informado dos sujeitos, dos seus responsáveis e das escolas, procedeu-se à aplicação do *Questionário Sociodemográfico*, da *Escala de Estilos Educativos Parentais (versão para filhos)* e do *Questionário de Comportamentos Antissociais referidos pelos próprios adolescentes*, precisamente nesta ordem. A recolha dos dados ocorreu, maioritariamente, em contexto escolar de forma colectiva. Neste caso, garantiu-se o anonimato e confidencialidade das respostas. Na aplicação individual, assegurou-se a confidencialidade das respostas.

Na análise dos dados, recorreu-se à análise correlacional (correlação de *Pearson*), ao teste paramétrico *t de Student* para dois grupos independentes, à análise da variância *One-way ANOVA* e ao teste de *Levene* (homogeneidade das variâncias). Os níveis de significância utilizados foram 0.01 e 0.05.

RESULTADOS

1. Educação Parental baseada na Autonomia e no Amor e Comportamento Antissocial

Em termos de educação parental, e considerando as duas dimensões bipolares do modelo de práticas educativas proposto por Schaefer (autonomia *versus* controlo e amor *versus* hostilidade), um *estilo educativo positivo* advirá da conjugação da autonomia e do amor e um *estilo educativo autoritário* resultará da conjugação entre o controlo e a hostilidade (Oliveira, 1994).

Para avaliar a natureza da relação entre uma educação parental positiva (pela conjugação da autonomia e amor da *Escala dos Estilos Educativos Parentais*) e os comportamentos antissociais (nota global do *SRA* para os *últimos 12 meses* e para *alguma vez na vida*), calcularam-se os coeficientes de correlação de *Pearson* (Quadro 1).

QUADRO 1

Resultados da correlação de *Pearson* entre as variáveis Autonomia, Amor e Comportamentos Antissociais

Variáveis	Amor	Autonomia	Comportamentos antissociais (nos últimos 12 meses)	Comportamentos antissociais (alguma vez na vida)
Amor	1			
Autonomia	.836 **	1		
Comportamentos antissociais (nos últimos 12 meses)	-.242*	-.320**	1	
Comportamentos antissociais (alguma vez na vida)	-.252*	-.327**	.960**	1

* $p < 0.05$; ** $p < 0.01$

Desta análise, retirou-se que a associação estabelecida entre as variáveis **amor e comportamentos antissociais** é negativa baixa, quer para as práticas antissociais *nos últimos 12 meses*, quer *alguma vez na vida* ($r = -.242$ e $r = -.252$ respectivamente), isto é, à medida que se verifica o aumento de uma variável constata-se uma diminuição na outra. Neste sentido, o comportamento antissocial revela uma relação inversa e significativa com o amor ($p < 0.05$). Da análise da associação entre os **comportamentos antissociais**, *nos últimos 12 meses* e *alguma vez na vida*, e a variável **autono-**



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

nia concluiu-se que a relação também é negativa baixa ($r = -.320$ e $r = -.327$ respectivamente) e estatisticamente significativa ($p < 0.01$).

O facto de as correlações serem negativas e com significância estatística sugere que **quanto melhor e mais positiva for a educação parental** (pela conjugação dos factores autonomia e amor), **menor será a prática de comportamentos antissociais e vice-versa**. Por outro lado, considerando agora os pólos opostos dos factores autonomia e amor da *Escala de Estilos Educativos Parentais*, **quanto maiores forem o controlo e a hostilidade** expressos pelos pais na sua forma de educar, **mais os seus filhos tenderão a praticar condutas antissociais e vice-versa**.

É interessante ainda verificar (Quadro 1) que o **amor** e a **autonomia** se encontram altamente associados ($r = .836$; $p < 0.01$), sugerindo que o carácter da dimensão afectiva da educação parental (amor *versus* hostilidade) se relaciona com o tipo de disciplina exercida (autonomia *versus* controlo). Também a prática, num período mais recente, de **comportamentos antissociais** em termos gerais se associa muito fortemente à sua prática em qualquer etapa da vida ($r = .960$; $p < 0.01$), sugerindo uma certa homogeneidade do comportamento dos sujeitos inquiridos, desde a infância à adolescência.

2. Influência da situação Socioeconómica nos Estilos Educativos e no Consumo de Substâncias Tóxicas

Como vimos anteriormente, a estratificação do nível socioeconómico teve por base os critérios de Sedas Nunes (1970), assente na profissão dos cuidadores, tendo-se identificado nesta amostra três grupos socioeconómicos, que variam de baixa a média condição. Para averiguarmos se os pais com menores condições socioeconómicas tendem a seguir o *estilo educativo autoritário* e se, consequentemente, é mais comum os seus filhos consumirem substâncias tóxicas (segundo Fonseca, 2004, um comportamento mais expressivo na adolescência do que na infância), recorreremos à análise da variância One-Way Anova (Quadro 2). Os valores de F no teste de Levène (aqui não reportados) confirmam a homogeneidade das variâncias nos grupos.

Tal como podemos observar no Quadro 2, a análise da variância não sugere qualquer diferença estatisticamente significativa entre os três grupos socioeconómicos, nem relativamente ao **amor** ($F = 2.484$; $p = .089$) nem à **autonomia** ($F = 2.418$; $p = .094$). Quer isto dizer que não existem diferenças entre os grupos socioeconómicos em análise, relativamente à percepção dos estilos parentais.



ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

QUADRO 2

Resultados da ANOVA entre as variáveis Situação Socioeconômica, Autonomia, Amor e Consumo de Substâncias Tóxicas

		Soma dos quadrados	gl	Média dos quadrados	F	Sig.
Amor	Entre Grupos	132,999	2	66,500	2,484	,089
	Dentro dos grupos	2596,711	97	26,770		
	Total	2729,710	99			
Autonomia	Entre grupos	405,823	2	202,912	2,418	,094
	Dentro dos grupos	8138,537	97	83,902		
	Total	8544,360	99			
Consumo de substâncias (nos últimos 12 meses)	Entre grupos	86,686	2	43,343	4,320	,016
	Dentro dos grupos	973,104	97	10,032		
	Total	1059,790	99			
Consumo de substâncias (alguma vez na vida)	Entre grupos	15,242	2	7,621	1,753	,179
	Dentro dos grupos	421,598	97	4,346		
	Total	436,840	99			

Também não se regista qualquer influência dos contextos socioeconômicos no consumo de substâncias tóxicas na sua frequência *alguma vez na vida* ($F=1.753$; $p=.179$). Ainda assim, no âmbito do consumo de substâncias tóxicas *nos últimos 12 meses*, constatamos haver uma diferença estatisticamente significativa ($F=4.320$; $p=.016$). Neste sentido, procedemos à análise *post-hoc* de comparações múltiplas (Scheffe) para verificar entre que grupos existe essa diferença. Os resultados apontam uma diferença estatisticamente significativa entre a camada mais alta e a camada mais baixa ($p=.018$). Podemos, então, afirmar haver, na presente amostra, uma relação entre a **condição socioeconômica** e o **consumo de substâncias tóxicas nos últimos 12 meses**, ou seja, quanto mais elevada a camada social menor tende a ser o consumo.

3. Influência da Idade dos Adolescentes na sua percepção sobre os Estilos Educativos Parentais e nos Comportamentos Antissociais

O teste *t de Student* permitiu-nos saber se existem diferenças estatisticamente significativas, em termos da percepção das práticas educativas parentais (*Escala dos Estilos Educativos Parentais*,



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

versão para filhos) e dos comportamentos antissociais (SRA geral e subescalas na frequência *alguma vez na vida*), em função da **idade**, considerando dois grupos etários (Quadro 3).

QUADRO 3
 Resultados do teste t de Student relativamente às variáveis Autonomia,
 Amor e Comportamentos Antissociais, atendendo à Idade

Variáveis	Idade	N	M	Dp	t(98)	p
Autonomia	12-15 anos	53	52.96	9.75	-.704	.483
	16-19 anos	47	54.28	8.79		
Amor	12-15 anos	53	33.98	5.08	.425	.672
	16-19 anos	47	33.53	5.48		
Comportamento antissocial (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	54.30	8.53	.030	.030
	16-19 anos	47	51.02	6.01		
Consumo de substâncias Tóxicas (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	11.33	2.16	-.607	.546
	16-19 anos	47	11.59	2.05		
Vadiagem (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	13.98	2.55	.618	.538
	16-19 anos	47	13.66	2.65		
Danos/Vandalismo (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	6.17	1.54	3.211	.002
	16-19 anos	47	5.38	.709		
Roubo (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	10.13	1.56	.997	.321
	16-19 anos	47	9.81	1.69		
Agressão (<i>alguma vez na vida</i>)	12-15 anos	53	10.67	1.64	2.719	.008
	16-19 anos	47	9.87	1.19		

Os valores de F no teste de Levène (aqui não reportados) para as dimensões da *Escala de Estilos Educativos Parentais* confirmam a homogeneidade das variâncias nos grupos. Para o SRA, na frequência *alguma vez na vida*, verificou-se a homogeneidade das variâncias dos grupos em quase todas as subescalas, à exceção da subescala *danos*.



ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

Tal como nos mostra o Quadro 3, não existem diferenças estatisticamente significativas na percepção sobre os estilos parentais em função da idade ($p = .483$ para a autonomia e $p = .672$ para o amor). Quer isto dizer que, independentemente da idade, e atendendo aos dados descritivos, a maioria dos inquiridos entende que na educação exercida pelos seus pais (ou outro cuidador) predominam a autonomia e o amor (traduzindo uma boa educação parental).

Relativamente às práticas antissociais, não existem diferenças estatisticamente significativas em função da idade para as subescalas consumo de substâncias tóxicas ($p = .546$), vadiagem ($p = .538$) e roubo ($p = .321$). Já para o **comportamento antissocial geral** na sua frequência *alguma vez na vida* ($p = .030$) e nas subescalas **danos/vandalismo** ($p = .002$) e **agressão** ($p = .008$) verificaram-se diferenças estatisticamente significativas. Assim, constatámos que os mais novos (12-15 anos) referem, em termos gerais, mais comportamentos antissociais e praticam mais agressão e vandalismo do que os mais velhos (16-19 anos).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os resultados obtidos sugerem uma relação inversa significativa, embora de baixa magnitude, entre a educação parental positiva e o comportamento antissocial dos filhos. Assim, de acordo com vários estudos anteriores (e.g., Loeber & Stouthamer-Loeber, 1986; McCord, 2002; Vuchinich, Hetherington, Vuchinich et al, 1991 cit in Fonseca, 2002), quanto mais positiva a educação parental (pela conjugação da *autonomia* e *amor*), menor tende a ser o comportamento antissocial em adolescentes. Por outro lado, tal como se evidencia noutras pesquisas (Buehler, 2006; Farrington, 1991; Laub & Sampson, 1995; Patterson, 1982 cit in Fonseca, 2002), a percepção de *controlo* e *hostilidade* parental associa-se positivamente a este problema de comportamento. Acrescente-se ainda que o presente estudo salienta que o carácter da dimensão afetiva da educação parental (*amor versus hostilidade*) se relaciona directa e fortemente com o tipo de disciplina exercida (*autonomia versus controlo*). Assim, no contexto familiar, a modificação de uma determinada prática parece então exigir a reestruturação do domínio afetivo e vice-versa.

Embora os efeitos do nível socioeconómico não tenham sido evidentes relativamente à percepção dos estilos educativos parentais, resultado já antes referido na literatura (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993), os dados sugerem, no entanto, que quanto mais elevada é a camada social menor tende a ser o consumo de substâncias tóxicas, assumindo-se assim aquele fator como um dos que continua a exigir exploração na explicação dos comportamentos desviantes e ajustamento.

Observou-se também que, independentemente da idade, e atendendo aos dados descritivos, a maioria dos inquiridos entende que na educação exercida pelos seus pais (ou outros cuidadores) predominam a autonomia e o amor (traduzindo uma educação parental positiva). No entanto, no que se refere ao comportamento dos adolescentes, constatou-se que os mais novos (12-15 anos) referem, em termos gerais, mais comportamentos antissociais e praticam mais agressão e vandalismo do que os mais velhos (16-19 anos), tal como tem sido documentado (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1993). Na base explicativa deste dado poderão ser referidos dois processos. Em primeiro lugar, a força motivadora da delinquência poderá estar associada a um período específico do desenvolvimento, uma fase mais inicial da adolescência, e às suas especificidades desenvolvimentais. Em segundo lugar, podemos pensar que, à medida que a autonomia é conquistada, vão diminuindo os benefícios resultantes da rebeldia face à autoridade adulta e parental, em particular. Acrescente-se ainda, de acordo com Steinberg (2003), que com o avançar da idade a maturidade psicossocial tende a desenvolver-se, o que requer maiores responsabilidades e autocontrolo; uma variável central para certas teorias do comportamento antissocial (DeLisi, 2011; Hirschi, 1969; Sampson & Laub, 2005).



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

Em suma, os resultados permitem sugerir maioritariamente que uma intervenção mais completa, no sentido da prevenção do comportamento antissocial junto dos jovens, deveria atender a questões específicas da sua etapa desenvolvimental (ver, por exemplo, Steinberg, 2003; Formosinho, Taborda Simões & Vale Dias, 2005) e integrar variáveis inerentes à família, incluindo as práticas educativas e, para certos aspetos, a situação socioeconómica. Assim, a prevenção deve ter em consideração: as necessidades do indivíduo em termos de tarefas de desenvolvimento e aptidões; o treino parental; e as características familiares demográficas, tais como o rendimento e vizinhança. Dada a complexidade do fenómeno antissocial, e de acordo com uma perspetiva ecológica (Bronfenbrenner, 1995), a prevenção não deverá incidir apenas num contexto, mas antes contemplar programas (e.g., Hawkins, Kosterman, Catalano, Hill & Abbott, 2005; Webster-Stratton, 2002) que se podem dirigir ao indivíduo, à sua família, à escola e comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Buehler, C. (2006). Parents and Peers in Relation to Early Adolescent Problem Behavior. *Journal of Marriage and Family*, vol.68, 1, 109-125.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time. A future perspective. In P. Moen, G. H. Elder, Jr. & K. Luscher (Eds.) *Examining lives in context*, (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.
- Carrol, A., Houghton, S., Hattie, J. & Durkin, K. (2004). Comportamento anti-social nos jovens: o modelo dos objectivos de aumento da reputação. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento Anti-Social e Crime* (pp. 215-250). Coimbra: Almedina.
- DeLisi, M. (2011). Self-control theory: The Tyrannosaurus rex of criminology is poised to devour criminal justice. *Journal of Criminal Justice*. 39, 103-105
- Farrington, D.P. (2008). Prevenção da delinquência e do comportamento anti-social. In A. Matos; C. Vieira; S. Nogueira; J. Boavida & L. Alcoforado (Eds.). *A Maldade Humana: Fatalidade ou Educação?* (pp.337-358). Coimbra: Almedina.
- Figueiredo Dias, J. & Costa Andrade, M. (1997). *Criminologia: O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Fonseca, A.C., Simões A., Rebelo, J.A., Ferreira, J.A. & Cardoso, F. (1995). Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos. Novos dados para a população portuguesa do ensino básico. *Psychologica*, 14, 39-57.
- Fonseca, A.C. (2000). Comportamentos anti-sociais: Uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV, 1, 2 e 3, 9-36.
- Fonseca, A.C. (2002). Comportamento anti-social e família: novas abordagens para um velho problema. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento Anti-Social e Família*, (pp.1-14). Coimbra: Almedina
- Fonseca, A.C. (2004). Diferenças individuais no desenvolvimento do comportamento anti-social: o contributo dos estudos longitudinais. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e crime*, (pp.412-461). Coimbra: Almedina.
- Formosinho, M.D., Taborda Simões, M.C. & Vale Dias, M.L. (2005). Adolescência e responsabilidade criminal: Uma questão em debate. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39, 3, 39-59.
- Hawkins, J.; Kosterman, R.; Catalano, R., Hill, K. & Abbott, R. (2005). Promoting Positive Adult Functioning Through Social Development Intervention in Childhood, *Arch Pediatr Adolesc Med.*, 159, 25-31.
- Hirshi, T. (1969). *Causes of delinquency*. Los Angeles: University of Califórnia. Press.
- Lahey, B.B., Moffitt, T.E. & Caspi, A. (2003). *Causes of conduct disorder and juvenile delinquency*. New York, London: The Guilford Press.



ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E COMPORTAMENTO ANTISOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

- Loeber, R. & Stouthamer- Loeber, M. (1986). Family factors as correlates and predictors of juvenile conduct problems and delinquency. In N. Morris & M. Tonry (Eds.), *Crime and justice* (pp. 29-149). Chicago: University Press.
- Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., Van Kammen, W. B. & Farrington, D. P. (1989). Development of a new measure of self-reported antisocial behavior for young children: prevalence and reliability. In M. W. Klein (ed.), *Cross national research and self-reported crime and delinquency*. Dordrecht: Kluwer-Nijhoff.
- McCord, J. (2002). Forjar criminosos na família. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e família*, (pp.15-36). Coimbra: Almedina.
- Moffitt, T.E. & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência: seus preditores e suas etiologias. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV, 1, 2 e 3, 65-106.
- Naplava, T. & Oberwittler, D. (2002). Factores familiares e delinquência juvenil – Resultados da investigação sociológica na Alemanha. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento anti-social e família*, (pp.157-180). Coimbra: Almedina.
- Oliveira, J.B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Oliveira, J.B. (1996). Desenvolvimento de um questionário de percepção de pais e filhos sobre a educação familiar. *Psychologica*, 15, 119-133.
- Patterson, G., DeBaryshe, B. & Ramsey, E. (1993). A developmental perspective on antisocial behavior, *American Psychologist*, 44, 329-335.
- Patterson, G., Reid, J. & Dishion, T. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia.
- Rutter, M. (2004). Dos indicadores de risco aos mecanismos de causalidade: análise de alguns percursos cruciais. In A.C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime*, (pp. 11-38). Coimbra: Almedina.
- Sampson, R. J., & Laub, J. H. (2005). A life-course view of the development of crime. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 602, 12-45. doi: 10.1177/0002716205280075
- Sedas Nunes, A. (1970). A composição social da população portuguesa – alguns aspectos e implicações. *Separata da Análise Social*, .27-28.
- Steinberg, L. (2003). Is Decision Making the right Framework for Research on Adolescent Risk Taking? In D. Romer (Ed.). *Reducing Adolescent Risk toward an integrated approach*, (pp.18-24). London: Stage Publications.
- Thornberry, T.P., Freeman-Gallant, A., Lizotte, A.J., Krohn, M.D., & Smith, C.A. (2003). The inter-generational transmission of antisocial behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, vol.31, 2. 171-190. New York.
- Webster-Stratton, C. (2002). Anos Incríveis – Séries de treino para pais, professores e crianças: programas de prevenção e intervenção precoce. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento Anti-Social e Família*, (pp.419-474). Coimbra: Almedina.